

Paulo Osorio

Aguilhadadas

Publicação mensal
de critica á arte, á politica e aos costumes

N.º 5—Outubro de 1903

Editor — Alberto Ferreira das Neves

PORTO

Typ. a vapor da Empreza Litteraria e Typographica

178 — Rua de D. Pedro — 184

Administração: Avenida de Carreiros, 250

AGUILHADAS

N.º 5 — OUTUBRO DE 1903

Summario

O sr. governador civil do Porto e o indulto aos deportados de infantaria
18. Divagações scientificas sobre a eclosão do genio em todas as vastas manifestações do espirito humano. Os precoces: Mirabeau, Byron, Mayeerber. Os tardios: Thiers, Balzac, Flaubert, Dumas pae, Sheridan, Linneu, Volta e o sr. dr. Adolpho Pimentel. A voz, o gesto, a arte. Irving, Novelli, Coquelin, o sr. Arroyo e o sr. padre Patriçio. Uma historia de Klaproth. Porque o não dissesteis? Narração do caso. A anciedade publica. A scena. Um pensamento do diario intimo de Marie Bashkirtsff sobre a Venus impudica. Eschylo e o sr. Julio Soller. O *senão* de tudo isto. A má escolha de comparsas e o provavel desagrado de sua magestade. — Assuntos lyricos. O portuguesinho valente, assignante do S. João. Uma peça por comprimarios e uma berrata pyrotechnico-lyrica de sensação. A futura epoca, segundo uma entrevista das *Novidades*, e maus auspicios derivantes. Torce-se o nariz. Oscar da Silva e a sua opera. O repertorio d'este anno. Uma *Moema* que não promette. A imprensa, o publico e a possibilidade de qualquer coisa em termos. A musica nacional. O snr. André de Freitas deputado e *A gratidão da nação*, hymno da sua lavra. O snr. Hintze, uma peça d'effeito e a contingencia risonha d'uma portaria de louvor com penduricalho. — Ainda o concurso de livros primarios. Os eleitos do snr. Abel Andrade. Os sete pecados mortaes da pedagogia nacional. Vagarosa apparição de coisas bellas. Cá está uma! A obra do snr. Filippe de Oliveira, pedagogo e mestre de Lisboa. Curiosos aspectos geraes do folhetinho. Uma pagina allegorica. Os defeitos d'um livro rejeitado e as virtudes d'um outro que o não foi. Logares selectos. A verdadeira e unica decifração d'uns pontos luminosos que luzem com luzinhas. Benemerito da sciencia: um pedagogo que é muito capaz de contar as estrellas. O sol a retalho. Authentica explicação dos annos bissextos. Um *quasi* complicado, um *quasi* que é uma esphinge, um *quasi* que é o diabo. Final brundusio.

NA arte, na sciencia, na litteratura, em todas as vastas manifestações do espirito humano, o genio rebenta, de vez em quando, subitamente, quando a gente menos o espera, d'onde a gente menos o calcula, e espraia-se ás torrentes como da rocha dura brota a fonte caudalosa. Gasta-se hoje a sciencia a averiguar qual é a causa productora de phenomeno de tal modo estranho, e só conjecturas se levantam, hypotheses da consistencia d'um castello de cartas, regras que se desfazem como bolas de sabão de encontro a uma fiada de excepções que não termina.

Para casos particulares encontra-se por vezes a explicação plausivel n'um agente estranho que tal produza, mas, mesmo n'esses casos, parece averiguado que tal influencia externa não faz mais que provocar a eclosão do genio latente. E essa eclosão, algumas vezes precoce como em Mirabeau, que fazia discursos aos três annos, Byron, que compunha versos aos doze, e Mayerbeer, que tocava maravilhosamente piano antes dos seis, outras vezes demora, demora muito, n'um bizarro capricho, como que para tornar depois maior o assombro. Assim foram Thiers,

Balzac, Flaubert, Dumas pae, assim foram Sheridan, Linneu e Volta. E assim foi, ao que parece, o sr. dr. Adolpho Pimentel, governador civil do Porto, subitamente orador, repentinamente pathetico, n'um abrir e fechar d'olhos de posse da mais completa organização de tragico de força de que se pode orgulhar hoje a nossa terra.

E comtudo, quem tal diria? S. ex.^a, tão calmo, com a sua calva burguêsa, sem as perturbações que quasi sempre acarreta a nevrose do genio, s. ex.^a burocrata, pausado e grave, s. ex.^a bacharel em direito e governador civil d'este districto — quem tão depressa julgaria vê-lo inexperadamente de posse da sciencia inteira da voz e do gesto, com a arte suprema de emocionar o semelhante, convencer os renitentes, fazer chorar as mulheres e commover os homens, apto a hombrar com o Irving do *Hamlet*, o Novelli dos *Espectros*, o Coquelin do *Cyrano*, o sr. Arroyo das graves revelações aos pares do reino, o sr. padre Patricio do sermão das Dôres nos Congregados?

Conta Lombroso que o celebre orientalista Klaproth, enquanto estudante na Universidade de Berlim, era tido na conta de maluco. Um dia, n'um exame, houve um mestre que lhe disse: «Mas o senhor não sabe nada!» — «Perdão, respondeu elle, eu sei chinês.» E, averiguadas as coisas, soube-se que, só, a occultas, elle conseguira aprender aquella lingua.

Se o sr. governador civil, quando recentemente o diziam incapaz de resolver uma questão entre patrões e operarios, tivesse revelado aquelles occultos dotes de forma tão brilhante agora surtos, para espiritos cultos entraria desde logo na nobre categoria dos grandes homens.

Porque o não dissesteis, excellentissimo senhor?

O caso foi assim:

Ha mêses que uns soldados do 18 que, segundo declarações officiaes, se revoltaram, foram alijados para Africa, sob pretexto de disciplina, sem nenhuma forma de processo. Procuraram as familias d'elles, por todos os meios, mover a clemencia regia em favor dos deportados, e soube-se desde logo que o governo acolhia de boa sombra a supplica e o rei estava resolvido a perdoar. Embora não tivesse sahido ainda na folha do governo, o perdão considerava-se já dado.

Mas faltava uma coisa. O sr. governador civil estendeu d'aqui a mão aos poderes publicos, pedindo-lhes por favor que esperassem um bocadinho. Na manhã do dia em que Sua Magestade veio ao Porto, o illustre funcionario appareceu com cara de caso e todos se interrogavam e a curiosidade avançava a cada hora. Houve quem aventasse que o sr. governador civil ia declarar-se ao rei o unico auctor da sublevação e pedir-

lhe que o deportasse a elle para além-mar, fazendo voltar á patria os pobresinhos...

Que seria? Que seria?...

Foi isto: Quando o sr. D. Carlos descia a escada que conduz do salão do Palacio de Crystal ao palco em que estão installadas as collecções da casa de Bragança, o sr. governador civil avançou um passo, homens, mulheres e creanças, parentes dos soldados, ajoelharam, e s. ex.^a então fallou, fallou, fallou, commoveu-se, supplicou, pediu, e cahiu de joelhos.

Faltava aquillo; dias depois o indulto corria os seus devidos tramites.

Mas os senhores não calculam o esplendor da scena. S. ex.^a transfigurara-se e, olhando-o, ninguém já via o homem de casaca, conselheiral e auctoritario, mas alguns d'aquelles typos immorredoiros da tragedia grega.

Marie Bashkirtseff, no seu diario intimo publicado ha annos em Paris, dizia, fallando da impressão esthetica da Venus impudica: «Se vós esqueceis que é bello para notar que é nú, é porque a belleza não é bastante completa para vos occupar inteiramente.»

Ora o sr. governador civil era completo. Eu, a um canto, visionava Eschylo; uma senhora, a meu lado, lembrou Julio Soller. A má educação artistica da nossa gente!

Ora, se bem que a revelação genial do sr. governador civil do Porto, considerada isoladamente,

bem mereça as palavras encomiasticas que atrás ficam, não se deve deixar sem reparo que s. ex.^a, com a sua oração e a sua scena de grande effeito, compromettesse el-rei e escolhesse mal os comparios. Porque taes comparsas eram creaturas a quem a dôr violentava a seguir s. ex.^a em todos os seus complicados jogos scenicos e Sua Magestade, se bem que, como artista, apreciasse decerto subidamente os meritos dramaticos do delegado de confiança do seu governo, como rei constitucional, monarcha d'um paiz a que seu avô deixou regimen livre, decerto não gostou de conceder o perdão a creaturas por quem lhe vinham pedir humildemente — de joelhos. Isso apenas.

Porque é má sina que não pôde haver alegria completa na nossa vida...

HA um anno, o conceituado commerciante, amator de coisas lyricas, que era empresario do nosso theatro de S. João, lembrou-se de reunir pessoas gradas da cidade para lhes apresentar o elenco da sua companhia, solicitando-lhes ao mesmo tempo o precioso auxilio indispensavel. Ouviram-n'o sem interesse, vagamente, achando tudo optimo, e apenas a alturas tantas veio um senhor, representando um grupo que estava mortinho por desentupir a aflicção:

— E. . . o corpo de baile ; mulheres boas ?

O empresario comprehendeu : mandou reforçar o estofo das malhas das sacerdotisas de Terpsichore e fartou-se de troçar em quatro series com o pobre publico tripeiro, que supportou em estado de evangelica paciencia as mais extranhas e abusivas coisas : como o *Elixir d'Amor* por comprimarios e, em opera nova, um tal *Garin*, berrata pyrotechnico-lyrica, que nunca conseguiu relações de geito com coisa aproximada do bom-senso e do bom gosto.

Para a *D. Mecia* de Oscar da Silva que a tal empreza se tinha compromettido a pôr em scena, o tempo não chegou, e, d'esse modo, o publico, que na sua biblica quietitude deixou correr as recitas d'assignatura com estropiados e bolorentos cacarejos italianos, uma redução, remendada mal, do *Lohengrin* e a inqualificavel opera de Breton, ficou privado de ouvir a obra d'um artista portuguez e portuense, cujas qualidades invulgares de compositor nos garantem com segurança a superioridade de qualquer trabalho seu sobre a opera do *nuestro hermano* das zarzuelas.

Mas tudo isso passou : o antigo empresario foi arranjar vida em outras paragens e o sr. Freitas Brito, cavalheiro versado n'estas coisas, encarregou-se da empreza do nosso theatro d'opera na epoca que, pelo testemunho dos prélos, se inaugura nos primeiros dias do proximo Dezembro.

Em torno da futura empreza vae-se creando a

atmosfera commoda do reclamo, mas, por falta de pericia do interessado que as solicita ou do jornalista que as escreve, as noticias até hoje impressas deixam margem a sobresaltos e justificam que desde já se trate de pôr o publico mais culto de sobreaviso, para repellir, na medida das suas forças, novos lamentaveis attentados de lesa-arte.

Assim, n'uma entrevista que as *Novidades* fizeram publica, o sr. Freitas Brito, entre divagações d'uma rethorica vaga que nada dizem de preciso que possa entrar na conta de compromisso em termos, declarando que a sua companhia traria três ou quatro operas novas, apontou como pertencendo definitivamente a esse numero a *Fedora* de Giordano, a *Louise* de Charpentier e mais outra que traz o nome de *Moema* e é producto do brasileiro Delgado de Carvalho, que o sr. empresario considera um moço de subidas aptidões no sol-e-dó. D'onde, admittindo o sr. Brito a possibilidade de as operas novas serem apenas três, e indicando como certos os nomes apontados, em numero egual, conclue-se que com essas partituras se deve contar e nada mais.

Vejamos, então.

Oscar da Silva é um musico de talento que, como não podia deixar de ser desde que a sua educação artistica é perfeita, foi ensinado longe dos nossos mestres e da cabotinagem banal dos nossos meios d'arte.

Educou-se em terras onde a arte é para toda a gente alguma coisa de nobre e de sagrado e, com a sua intuição fina de artista, aprendendo-lhe conscienciosamente os processos, soube ao mesmo tempo costumar-se a respeitá-la. Voltou, comtudo, português como fôra: sonhador e lyrico como um celta, e com aquelle admiravel senso esthetico tão expontaneo, embora na apparencia tão rebuscado, que veio dos arabes da peninsula para o espirito da nossa raça e para a gloria e brilho dos mais delicados labores da nossa arte.

Oscar da Silva fez então uma opera e uma opera portugêsa, assunto nosso tirado das lendas amorosas dos nobiliarios velhos, musica nossa tambem. Se a quiz representada em Lisboa, teve de se sujeitar á segunda classe d'uma epoca de verão do Colyseu, e no S. João, theatro da sua terra, traz a malaventurada partitura aos pontapés do despotismo fanfarrão dos empregarios.

Este anno teremos pois, ao que parece, a *Lucrecia*, talvêz a *Traviata*, não se sabe mesmo se a *Gioconda*, quem nos garante que não até o *Trovador*? e teremos tambem essa *Moema* brasileira que um critico das *Novidades*, com generosos intuitos, declarou coisa inspirada, de corte italiano muito justo na cintura, com um *intermezzo* harmonioso e uma phrase final toda catita — os senhores estão a ver a maravilha. E possivel que a imprensa se não julgue no dever de lembrar, muito embora com doçura, ao sr. empregario que as companhias

se não fazem apenas para ganhar dinheiro e satisfazer os dilettantes de ha vinte annos e as vistas sadicas dos adoradores de bailarinas. É possível tambem que a maioria que finge interessar-se por estas coisas, deixe correr o caso sem reparo, ella que o não fez ainda ha pouco quando os jornaes tornaram publico que n'uma recita de beneficio, senhoras d'esta cidade iriam cantar uma opera de Bellini, ensaiadas por um profissional que decerto ignora que cantores portuguezes possuem para os seus lyricos arrancos generosos, em forma antiga, as hoje injustamente esquecidas partituras de Marcos Portugal.

A *D. Mecia* continuará indefinidamente esperando, se uma pouco provavel campanha da imprensa não lograr coagir o sr. empresario a pô-la em scena, e a gente tem o direito de perguntar para que servem conservatorios a essas prometidas salutaes reformas do ensino de musica, se a attenção do Estado para os que depois trabalham é nulla, se um publico por educar se desinteressa e as empresas de particulares os escarnecem?

Mas perdão: não sejamos más-linguas. A musica portugueza, apesar de tudo, dá signal de si com a generosa protecção dos poderes publicos.

Para ser tocado no banquete do snr. Hintze, o deputado açoriano André de Freitas compoz um hymno intitulado «A Gratidão da Nação».

Este cavalheiro, tendo voz no parlamento, onde a asneira é livre e portanto s. ex.^a podia dizer em louvor do sr. Hintze tudo o que o intimo reconhecido lhe ditasse, comprehendeu — e a meu ver perfeitamente — que tão nobre sentimento como a gratidão não se transmite bem a almas governativas sem o auxilio soberbo das colcheias e semi-fusas com o concurso de bombo e pratos nos pontos capitaes.

Ora ahi tem o empresario do nosso theatro lyrico, caso veja que lhe acarreta muita despeza a *D. Mecia*, uma peça que pode fazer tocar na sua orchestra, para que fiquemos scientes, *malgré tout*, dos seus benemeritos desejos de proteger a nossa arte.

Ponha s. ex.^a a sua musica a desfiar a obra do deputado, cantando a gloria do nobre chefe e a ternura da patria agradecida, com grande abundancia de trombones, muita força nos pratos e no bombo, toda a graça no clarinete e nos ferrinhos, e não se livra até de, quando menos o esperar, lhe cahir em casa, com uma portaria de louvôr, um penduricalho.

COMEÇAM a apparecer á venda, geralmente em edições reles e caras, as obras que lograram as boas graças dos sete membros da commissão de escolha dos livros para o ensi-

no primario — os sete pecados mortaes da pedagogia portuguesa.

Vae chegando pois o momento de constatar, em face de documentos irrecusaveis, a opinião dos pedagogos sobre o que deve ser um compendio perfeito, opinião cuidadosamente escondida por entre as graçolas de mau gosto, atropelos de grammatica e dislates de doutrina, nas compactas paginas da sua resposta official. A commissão limitou-se a apontar-nos erros, a sua critica é sempre negativa, suas excellencias mostraram só o mau. Mas com um pouquinho de paciencia assistiremos agora estupefactos á apparição das bellas coisas.

Cá está uma: é *O meu primeiro livro de leitura*, obra do snr. Philippe de Oliveira, pedagogo e mestre de Lisboa. Destina-se á primeira classe e lá traz realmente os *typos variados* pelos quaes a commissão dá o cavaquinho.

É de resto um pequeno livro que começa por inserir varios alphabetos, um dos quaes incorrettissimo (o manuscripto de maiusculas) suppondo que o alumno transita do seu methodo de leitura sem conhecer sequer as letras, e vae depois correndo assumptos varios, sem ordem nem plano que claramente se descortine e n'uma forma que nem sempre corresponde por certo ao natural empenho do auctor em fazer obra de geito. Hajam vista, em justificação de tal asserto, as allegorias aos signaes de pontuação — pagina d'uma lamentosa inge-

nuidade que faria sorrir um aprendiz de pedagogo. Mas, adeante.

É util lembrar que rejeitando uma obra destinada tambem á primeira classe (*O primeiro livro de leitura*, por Trindade Coelho) a commissão, no seu parecer, aponta este defeito capital: «Desde o começo do livro — palavras do relatorio — ha phrases que não podem ser comprehendidas por uma creança e que nem sempre primam pela exactidão da doutrina.» E desanda depois a transcrever algumas d'ellas. Uma é esta :

«O cerebro é a morada do pensamento e da intelligencia.»

Outra é esta :

«O branco dos olhos chama-se esclerotica».

Outra :

«O azedo ou acre da casca do carvalho provem do *tanino*».

Ainda mais :

«Cada nação tem os seus trajes, como cada uma tem a sua lingua, os seus usos e os seus costumes.»

E perguntam depois os sete sabios amestrados em liberdade... de opinião, como ha-de uma creança de seis annos formar ideia, mesmo vaga, da significação de expressões como — *morada da intelligencia, esclerotica, acre, tanino, nação*, etc. ?

Até aqui está tudo muito bem, attenta para

mais a liberdade supra-mencionada que os commissionedos em seu inteiro direito empregam amplamente. Mas o curioso n'este caso será transcrever alguns bocadinhos selectos do livro do sr. F. de Oliveira, mandado adoptar por decreto de 3 de Setembro de 1903, publicado em seguimento ao relatorio dos sete sabios lusos. Lá vão elles, por ordem que permitta mais facil e immediata comparação com as phrases condemnadas no livro rejeitado :

«O *cérebro* é a séde da *intelligencia*». (O *Meu primeiro livro de leitura*, por F. de Oliveira — pag. 28.)

«Na cabeça, ou melhor no *cráneo*, está encerrado o *encéphalo*» (pag. 27).

«Se comêrmos uma talhada de limão, a sensação que experimentamos é a da *acidéz*» (pag. 30-31); «Deve-se evitar o uso dos fogões ou fogareiros com lume brando para aquecimento dos aposentos; porque desenvolvem um gaz que é um verdadeiro veneno (*oxydo de carbone*)» (pag. 16).

Perguntêmos nós agora, dentro do criterio da commissão: como ha-de uma creança de seis annos, formar ideia, mesmo vaga, da significação de expressões como *séde da intelligencia*, *encephalo*, *acidez*, *oxido de carbone* (!), *nação*, etc.?

Mas ha mais. Vão lendo isto:

«A côr azul é a côr do céu, e a branca é o symbolo da pureza» (pag. 61).

Que dirão de *symbolos* os innocentissimos seis annos?...

«Olhando para o *céo* n'uma noite serêna e sem nuvens, vemos milhares e milhares de pequeninos *pontos luminosos* a luzirem muito e muito com umas luzinhas que nos encantam. São as *estrellas*» (pag. 46).

Aqui é que me parece que posso apostar em como alguns seis annos mais espertos se hão-de rir. Com que então ellas luzem com luzinhas — seu pedagogo?...

«O numero de *estrellas* é muito grande; não é facil contal-as» (pag. 46).

Ora como a coisa, se bem que difficil, não é, pelos modos, impossivel, eu, se fôsse ministro, mandaria o pedagogo fazer o trabalhinho em commissão gratuita. Era uma conquista para a sciencia astronomica e um allivio para a pedagogia.

«O sol é um corpo celeste» (pag. 44). «A lua não tem luz propria; recebe-a do sol, derramando-a depois sobre a Terra. A lua move-se em roda da Terra e nem sempre se nos apresenta toda illuminada. Por isso dizemos que a lua tem *phases* ou diferentes *aspectos luminosos*» (pag. 45).

Eu aprendi isto no terceiro anno do lyceu; isto, é claro, pelo que diz respeito essencialmente á doutrina, nanja o derramamento da luz nem os *aspectos luminosos*...

«A primavera... Dias cheios de luz, bellissimos, com um pouquinho de sol a dar vida á natureza» (pag. 40).

Um pouquinho? O sr. Oliveira, se quizesse ser mais preciso podia botar os calculos e dizer aos pequenos a conta certa.

«Não se deve comer fructa verde; estraga o estomago por ser de difficil digestão» (pag. 23).

Ahi está uma coisa que qualquer petiz de um anno e pico conhece como os proprios dedos: a digestão...

E agora, para acabar, esta coisa preciosa:

«O anno tem *trezentos e sessenta e cinco dias* e mais quasi seis horas. Estas seis horas fazem ao fim de quatro annos *vinte e quatro horas* ou *um dia*» (pag. 36).

A explicação tem graça; mas como arranjará o pedagogo com «*quasi* seis horas» a mais em cada anno — vinte e quatro horas inteirinhas ao fim de quatro? Nada; aquelle *quasi* leva agua no bico; olé se leva!...

Á vista do que, meus caros senhores, só nos resta esperar mais obras-primas d'esta força, lamentando apenas que, atrás do grotesco de tudo isto, esteja uma coisa muito seria, muito grave e muito triste: a ruina do ensino popular na nossa terra.

As *Aguilhadas* apparecem em volumes de 24 paginas, ao preço avulso de 50 reis.

Assignatura annual (pagamento adeantado) 500 reis.

São depositarios d'esta publicação :

No sul do paiz : Gomes de Carvalho — 158,
Rua da Prata, 160 — Lisboa.

No norte : Arnaldo Soares — Praça de D. Pedro, 137 — Porto.

Toda a correspondencia deve ser enviada á administração : Avenida de Carreiros, 250 — Porto.

Novidades Litterarias

- J. K. Huysmans** — *A Cathedral*. Trad. de B. Costa Pereira. Ed. da Livraria Povoense 600 reis
- João Grave** — *Os famintos* (romance). Ed. de Lello & Irmão 500 »
- Julio de Lemos** — *Campesinas* (contos). Ed. Tavares Cardoso & Irmão 500 »
- Paulo Osorio** — *Historia d'um morto* (conto). No 3.^o n.^o das *Aguilhadas* 50 »
- Teixeira de Pascoaes** — *Jesus e Pan* (poema). Ed. de José Figueirinhas J.^{or} 400 »